

A Memória mariana na construção da identidade de Constantinopla

Vanessa das Neves Bezerra – UERJ/ Faculdade de São Bento *

RESUMO

O presente artigo busca demonstrar ao leitor a importância da memória mariana na cidade de Constantinopla (antiga Bizâncio) desde sua construção, e como a figura de Maria contribuiu para a formação da identidade da cidade e de seus habitantes, tornando-se, assim, um elo entre o passado e o presente cristão da Nova Roma, além de ser o alicerce religioso de Constantinopla nas inúmeras invasões pelas quais a cidade passou.

Palavras-chave: Maria; Império Bizantino; memória; identidade.

ABSTRACT

This article seeks to demonstrate to the reader the importance of Marian memory in the city of Constantinople (ancient Byzantium) since its construction, and how the figure of Mary contributed to the formation of the identity of the city and its inhabitants, thus becoming a link between the past and the Christian present of The New Rome, besides being the religious foundation of Constantinople in the numerous invasions through which the city passed.

Keywords: Maria; Byzantine Empire; memory; identity.

Ao pesquisarmos sobre a fundação e a história da cidade de Constantinopla (antiga Bizâncio) um fator chamou-me a atenção desde o início: a ligação existente entre Maria, a Cidade e a Igreja Bizantina. Um elo indissociável que surgiu desde a fundação de Constantinopla, com a chegada das relíquias, alimentada pela Igreja através de seus inúmeros rituais, mas principalmente pelos governantes que faziam deste culto um

* Mestre em História Política pela ç. Especialista em História Antiga e Medieval pela Faculdade de São Bento. Graduação em História pela UERJ. Graduação em Pedagogia pela Faculdade da Lapa. Membro do Núcleo de Estudos de Cristianismos do Oriente (NECO/GT de História das Religiões e Religiosidades da ANPUH / Rio de Janeiro). Membro do Grupo de Pesquisa do CNPq: Memória e Culto na Literatura Bíblica.

ponto de unidade, e criavam desta forma uma conexão entre os diferentes moradores do lugar.

Em 324 d.C., a cidade de Constantinopla conhecida como a Nova Roma, foi fundada pelo Imperador Constantino por meio de um poder central extremamente forte. Depois de anos de perseguição com alguns períodos de relativa tranquilidade, a religião cristã pela primeira vez tornou-se lícita dentro do Império Romano. Segundo Cyril Mango:

os habitantes desta cidade conheciam-se por *Romaioi* ou simplesmente cristãos; e chamavam ao seu país *Romania*. Um homem era conhecido como *Byzantios* apenas se fosse natural de Constantinopla, e não viesse de outra parte do Império (...) O termo *Byzantinus* para referir o Império e os seus habitantes só começou a ser usado no Renascimento¹.

Para alguns historiadores como Michael Angold:

em vez de uma unidade renovada, a transformação da ordem romana em torno de Bizâncio fez emergir uma nova entidade, à qual é adequado referir-nos como Império Bizantino. Trata-se de uma denominação que visa a destacar que tanto o Império Romano quanto o próprio povo eram diferentes de seus precursores (...) A essência da distinção entre romano e bizantino deve ser encontrada na sede do governo, a cidade de Bizâncio, onde se forjaram de antigos elementos uma nova cultura e sistema político².

A nível de entendimento e de melhor compreensão do nosso trabalho utilizamos a conceituação do historiador Michael Angold para emprego do termo bizantino, principalmente para caracterizarmos o Império e os homens que viviam na cidade de Constantinopla.

Segundo Steven Runciman, a cerimônia de inauguração da cidade ocorreu em 11 de maio de 330, quando o Imperador Constantino dedicou

¹ MANGO, Cyril. *Bizâncio. O Império da Nova Roma*. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1980, p.10.

² ANGOLD, Michael. *Bizâncio. A ponte da antiguidade para a Idade Média*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 17.

a grande cidade de “Nova Roma que é Constantinopla” à Santíssima Trindade e à Mãe de Deus³.

Constantinopla em seu auge possuía representantes de todas as setenta e duas línguas representadas em sua capital, sua expansão foi rápida em especial devido a distribuição gratuita de pães, as perspectivas de trabalho e a aproximação com a corte imperial. A cidade no início do século V, chegou a ter mais de trezentos mil habitantes dentro de suas muralhas⁴.

Constantinopla fora construída onde outrora se estabelecia anteriormente a cidade de Bizâncio há pelo menos cem anos. Esta era considerada de fácil acesso, mas com excelentes possibilidades de defesa. O centro cívico organizava-se em torno de uma ágora, neste lugar os romanos construíram um hipódromo e os banhos públicos de *Zeuxipo*⁵.

A cidade também possuía dois portos fortificados do lado do Corno de Ouro⁶, um teatro, um anfiteatro e bibliotecas cheias de manuscritos gregos com ruas, praças e museus povoados com tesouros artísticos vindos de todo o Oriente grego⁷.

A construção da nova cidade ocorreu sobre a antiga. O antigo centro cívico da cidade foi conservado, o hipódromo aumentado e, ao seu lado, descendo ao Mar de Mármara, um palácio foi levantado no qual os imperadores residiram por oito séculos, porém somente a partir do final do século IV, que começou a sua efetiva utilização⁸.

A área urbana possuía cerca de setecentos hectares tendo do lado voltado para a terra uma muralha. Em 359, devido ao crescimento da população e ao seu tamanho físico, Constantinopla recebera um prefeito urbano, assim como o que havia em Roma.

³ RUNCIMAN, Steven. *A Civilização Bizantina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1977, p. 23.

⁴ MANGO, Cyril, op. cit., p. 22.

⁵ MANGO, Cyril, op. cit., p. 91.

⁶ O Corno de Ouro ou Chifre de Ouro é um estuário que divide o lado europeu da antiga cidade de Constantinopla. Com o Mar de Mármara, o Corno de Ouro forma uma península com um profundo porto natural.

⁷ MANGO, op. cit., p. 92.

⁸ ANGOLD, Michael. *Bizâncio. A ponte da antiguidade para a Idade Média*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 18.

Os templos da antiga cidade de Bizâncio continuaram por mais algum tempo, com alguns deles tendo sido erguidos por homens que construíram a cidade, porém uma vez concluído o trabalho, nenhum mais foi levantado. Desde o princípio da construção da cidade de Constantinopla observou-se a proibição de sacrifícios de sangue em seu interior, apesar da cidade alojar pessoas de todas as etnias e religiões, desde membros das antigas religiões, a judeus e cristãos heterodoxos⁹.

Desde Constantino se iniciou uma época de grandiosa evolução da arquitetura e da arte cristãs, com a construção de inúmeras basílicas, exibição de cruzes em inúmeros lugares e praças adornadas com estátuas de heróis bíblicos.

Porém, segundo o historiador Cyril Mango, ao falarmos da arte bizantina do período inicial, estamos nos remetendo a arte do Império Romano tardio, adaptada às necessidades da Igreja¹⁰.

Das primeiras igrejas cristãs construídas por Constantino em Constantinopla, somente algumas foram feitas em sua honra. Possivelmente, a Igreja de Santa Irene (“Igreja da Paz”, a palavra “Iriini” em grego – *Ειρήνη* – significa “paz”), a do mártir local Acácio e especialmente a dos Santos Apóstolos que serviu de mausoléu para Constantino e seus sucessores. A Igreja conhecida por *Hagia Sophia*, provavelmente, teve o início de sua construção no período constantiniano, porém a maior parte de sua construção e término se deu no período de Justiniano.

Diferentemente do ocidente, Cyril Mango nos atesta que a construção das principais igrejas cristãs em Constantinopla, realizou-se em lugares imaculados das antigas religiões ou construídas sobre os templos somente após um longo período. Percebemos que não houve ressignificação dos espaços em Constantinopla, a princípio. A explicação provinha da crença do homem bizantino em demônios e sua preocupação quanto à habitação destes nos antigos templos.¹¹

⁹ Ibid., p. 93.

¹⁰ MANGO, Cyril, op. cit., p. 291.

¹¹ Ibid., p. 191.

A construção da cidade e das igrejas cristãs foram só o início da transformação da cidade e da cultura romana que agora teria como base o pensamento e a crença cristã. Ao introduzir a religião cristã em Constantinopla e ao apoiar-se nela, Constantino iniciou um longo empreendimento além do das construções públicas, o de firmar as raízes históricas da nova religião. Seu principal apoio provinha de um dos principais intelectuais de sua geração e seu principal defensor, Eusébio de Cesaréia.

Eusébio enfatizava a continuidade do Cristianismo em relação ao passado, opinião semelhante à de vários teólogos que o precederam. Para a consolidação deste pensamento, tornou-se imprescindível a busca por achados de cultura material que confirmassem a existência desse passado e que também servissem para unificar os cristãos, dando um caráter religioso a Constantinopla e ao Império.

Segundo Karen Armstrong, a busca por objetos considerados sagrados e a reunião em torno destes tornou-se uma necessidade advinda da religião cristã, assim como havia se tornado para os judeus após a destruição do Templo. “Desconfiados de inovações, avessos a novidades, os devotos precisavam ter a certeza de que sua fé estava profundamente arraigada nas santidades do passado”¹².

A busca por vestígios que falassem sobre o passado cristão iniciou-se com Constantino e sua mãe Helena, esta passou o restante da sua vida entre Roma e o Oriente empenhada na construção de igrejas e na procura pelas relíquias cristãs.

As relíquias e os lugares de peregrinação encontravam-se especialmente na cidade de Jerusalém e foi nesta cidade que se concentraram as maiores buscas e difusões dos achados arqueológicos cristãos. A cidade de Jerusalém, foram enviadas uma parte da corte de Constantino, liderados por Helena e Eusébio de Cesaréia.

Torna-se importante salientar, que não nos interessa julgar se todos estes vestígios materiais e os lugares de culto cristão seriam

¹² ARMSTRONG, Karen. *Jerusalém. Uma Cidade Três Religiões*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 204.

realmente os mesmos deixados por Jesus e por todos aqueles que foram considerados santos pelos cristãos, mas, sim, entender sua importância simbólica e a crença generalizada que existia.

Percebemos que havia por parte de Constantino e de sua corte a necessidade de busca por um passado cristão, cujos vestígios viriam do judaísmo. Toda essa procura e esses vestígios materiais quando encontrados estabeleciam uma real conexão entre uma “memória cultural”¹³ e a identidade dos cristãos. As estruturas conectivas que se estabeleciam conectavam o passado ao presente na cidade de Constantinopla, para onde a maioria dos artefatos religiosos eram levados, até mesmo a frente da cidade de Roma. Desta forma, criava-se uma tradição na cidade de Constantinopla e estabelecia-se uma comunicação entre a cidade e a religião cristã.

A busca por esses vestígios cristãos iniciada por Constantino e Helena envolveu um grande número de membros da corte e de figuras proeminentes ao longo dos anos posteriores, a peregrinação rumo à cidade cristã intensificou-se a partir da descoberta do Gólgota, porém enquanto nos três primeiros séculos da era cristã as peregrinações foram fenômenos individuais envolvendo alguns clérigos, a partir do século IV temos desde os elementos mais humildes aos mais importantes rumo à Jerusalém.

A escolha de Maria como padroeira da cidade se deu principalmente a importância de sua figura como Mãe de Deus, apesar do título de *Theotokos* só ter sido oficialmente creditado a Maria no Concílio de Éfeso. Contudo, nossos estudos nos levaram a buscar a identidade de origem do culto mariano e desta forma nos deparamos com os mais variados títulos marianos sendo dados a figura de Maria desde o século II, por mais de 70 Padres da Igreja¹⁴ das mais diferentes Sés apostólicas.

¹³ Segundo Jan Assmann “memória cultural” é uma forma de memória coletiva, no sentido de que é compartilhada por um conjunto de pessoas, e de que transmite a essas pessoas uma identidade coletiva, isto é, cultural. apud. ASSMANN, Jan. *Religión y memoria cultural*. 1. ed. Buenos Aires: Lilmod, 2008.

¹⁴ Padres da Igreja é o título dado a alguns padres, monges ou bispos que nos primeiros séculos transmitiram às Igrejas a sua herança de fé, como detentores de uma verdade

Ao longo dos primeiros séculos de constituição de Constantinopla, algumas relíquias referentes a figura de Maria foram transportadas para cidade, uma delas era conhecida pelo nome de *Maphóron*¹⁵.

Narra a lenda que, o *Maphóron* era conservado por uma velha judia habitante de uma localidade da Judéia, onde era objeto de veneração. O véu foi tirado desta judia, com a utilização de subterfúgio, por dois patrícios conhecidos por Gálbio e Cândido e transportado para Constantinopla. Guardado primeiro em uma pequena capela privada, o *Maphóron* revelou a sua presença através de uma série de prodígios¹⁶.

Posteriormente a sua chegada em Constantinopla, o Imperador Leão I, e sua esposa Verena, mandaram construir uma capela especial próximo da Basílica de Santa Maria de *Blacherne*, na zona mais a noroeste da capital, para guardar o relicário contendo a veste.

O *Maphóron* é a indumentária que vemos com maior frequência nos ícones marianos, ele representa em termos teológicos para os cristãos, a veste da salvação pela qual a Virgem foi envolvida.

Outra relíquia mariana cultuada na cidade era conhecida pelo nome de *zona*¹⁷. Esta foi levada para Constantinopla segundo a tradição pelo imperador Arcádio, colocada na igreja de *Blacherne* e posteriormente introduzida na Basílica de Santa Maria, do Mercado do Cobre (*Chalcoprateia*) por iniciativa da Imperatriz Pulquéria, em 450¹⁸.

Percebe-se que com o passar do tempo, a cidade de Constantinopla foi se tornando um grande santuário mariano por causa das inúmeras igrejas dedicadas à Maria, sendo famoso entre todos eles os de *Blacherne* e a de *Chalcoprateia*.

Além do *Maphóron* da Virgem e da *Zona*, encontravam-se outras relíquias referentes à Maria na cidade de Constantinopla. Estas eram pinturas conhecidas pelo nome de ícone.

fielmente guardada e interpretada; mas dentro dessa denominação também se incluem os inúmeros autores e escritos cristãos, que compõem o patrimônio da igreja antiga.

¹⁵ Espécie de véu que, cobrindo a cabeça e os ombros, descia até os joelhos, preso por um fecho à altura do pescoço.

¹⁶ DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore, op. cit., p. 1202.

¹⁷ Espécie de cinto, faixa peitoral.

¹⁸ DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore, op. cit., p. 1202.

Uma insistente tradição da Igreja Bizantina fez remontar as primeiras representações da Mãe de Deus em ícones, aos tempos em que ela ainda estava viva na terra. Através de retratos feitos por Lucas Evangelista, que além de médico também teria sido pintor e seria o autor do retrato de Maria depois de Pentecostes.

A tradição litúrgica oriental, segundo os textos do ofício bizantino de 18 de outubro, dia em que se celebra o Santo, esclarece que Lucas foi autor de uns três ícones da Virgem, desta forma se explicaria o porquê da transmissão do semblante de Maria, quase inalterado ao longo dos séculos de existência do cristianismo bizantino. Uma oração do ofício matinal bizantino nos revela a profunda crença em Lucas como autor dos primeiros ícones marianos:

São Lucas, apóstolo bem-aventurado de Cristo, iniciado nos inefáveis mistérios, bem como doutor dos gentios, com o divino Paulo e a pura Mãe de Deus, da qual pintaste com amor o santo ícone, intercede por nós que veneramos e confessamos a tua santa dormição¹⁹.

Os ícones que representam Maria são numerosíssimos desde a Antiguidade. Porém, a tradição da Igreja Bizantina ao referir-se a Lucas, o evangelista, indica que ele pintou três ícones que são a base dos três tipos fundamentais que são sempre repetidos.

Segundo a tradição das Igrejas Orientais, os protótipos pintados por Lucas seriam: A virgem com o menino nos tipos *Hodighitria* (“Virgem Condutora”), *Eleousa* (“Virgem Terna”) e a “Virgem de Corpo Inteiro” do tipo *Orante*.

Teodoro, o Leitor, historiador do século VI, conta que o primeiro ícone a chegar a Constantinopla foi mandado de Jerusalém por Eudóxia, durante a sua peregrinação, para sua cunhada a Imperatriz Pulquéria. Assim que foi recebido pela imperatriz este foi exposto a veneração pública na igreja da *Hodighitria*²⁰.

¹⁹ DONADEO, Irmã Maria. *O Ano Litúrgico Bizantino*. 1. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1998, p. 143.

²⁰ ARMSTRONG, Karen. op. cit., p. 123.

Segundo a tradição o ícone dado por Eudóxia a Pulquéria, teria em sua origem, sido presente de Lucas ao amigo Teófilo; o quadro depois teria sido completado por mão angélica²¹. As várias fontes mais antigas, porém não nos permitem formular conclusões indiscutíveis.

Na origem do nome do ícone da *Hodighitria* atribuído a Lucas encontra-se também o nome do convento dos *Hodigi* ou “guias”, convento em que era conservado o ícone original. A tradição bizantina explica que seu nome surgiu de um milagre. Maria teria aparecido a dois cegos e, conduzindo-os pela mão, levou-os ao santuário da *Hodighitria* onde teria lhes devolvido a visão. Desde então, os cegos e os que sofriam de doença nos olhos vinham à fonte, próxima à Igreja, e aí lavavam os olhos para encontrar a cura.

Em 1453, durante o último cerco da capital bizantina, a igreja da *Hodighitria* foi depredada e o ícone arrastado e destruído. Este ícone é comum no Oriente e no Ocidente. Nós o encontramos em Roma, a partir de 1499, na igreja do Apóstolo Mateus, sob o nome de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro²².

Além das igrejas marianas já citadas, havia mais uma que era alvo de peregrinações na cidade, a igreja de S. Maria da Fonte, edificada no V século. Nesta igreja se venerava uma imagem de Maria em atitude orante, tendo diante de si o menino, o grupo parecia emergir de uma concha de águas. Suas águas eram consideradas miraculosas.

Para os cristãos orientais, a imagem do ícone era a pessoa que ela representava, ou, pelo menos, a presença ativa e realizadora de milagres daquela pessoa, assim como as relíquias dos santos também o eram.

Percebemos através de nossas pesquisas que as relíquias principais e diretamente relacionadas à Maria, eram situadas especialmente em Constantinopla, se comparadas com Roma. Além destes objetos consagrados, foram encontradas representações marianas em selos e moedas ao longo dos séculos na cidade.

²¹ DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore. op. cit., p. 1203.

²² LELOUP, Jean Yves. *Ícone: Uma escola do olhar*. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 94.

Ao estabelecermos estas comparações e estudarmos o desenvolvimento da devoção mariana na cidade, nos atemos a um antigo tropário grego presente na liturgia bizantina, na qual reserva-se, até hoje, um dia em especial para comemoração da dedicação da cidade de Constantinopla à Maria.

Segundo a tradição da Igreja bizantina, quando a cidade de Bizâncio foi escolhida por Constantino para nova capital do Império Romano, ela teve seu nome mudado para Constantinopla, e foi consagrada à Maria em 11 de maio de 330. Para esta data de consagração encontram-se em alguns livros gregos a seguinte oração, com a intitulação de “A Cidade de Maria”:

A cidade da Mãe de Deus, consagra à Mãe de Deus a sua fundação, como é de seu dever. Porque graças a Ela, se consolidou e perdura, por ela é mantida e defendida e, portanto, A saúda: Salve, ó esperança de todos os confins da terra!²³

Segundo o professor Dr. Rodrigo Portella, a religião é uma linguagem do ser humano, e a forma dela se manifestar especialmente é por meio do símbolo, que vive e está inserido na experiência religiosa e nas diferentes formas dos sujeitos religiosos tentarem indicar a presença do sagrado. As comunidades se reúnem primeiramente em torno de símbolos que têm o poder de ligar, de juntar partes e corpos em torno do sagrado²⁴.

E segundo nossos estudos, Constantinopla não estava longe disso, a cidade estava impregnada por toda uma atmosfera onde buscava-se o sagrado e objetos considerados sagrados, especialmente ligados ao passado histórico e a cultura da nova religião adotada pelo Imperador. A ideia de Constantino era transformar a cidade em uma Nova Jerusalém, e o povo seriam os novos israelitas. Porém, para isso, foi necessário que a cidade de Constantinopla (antiga Bizâncio), que não possuía nenhuma tradição cristã e que não tivera a presença dos apóstolos e dos mártires

²³ DONADEO, Irmã Maria, op. cit., p. 45.

²⁴ PORTELLA, Rodrigo. *Expressões do Sagrado: reflexões sobre o fenômeno religioso*. 2. ed. Aparecida: Editora Santuário, 2008, p. 107.

pregando em sua terra diferentemente de outras cidades, recebesse a partir de sua fundação, as relíquias cristãs que serviriam para proteger e abençoar a nova cidade que estava sendo construída.

O termo Relíquia procede do latim *reliquiae* e significa aquilo que sobrou. Em sentido religioso entende-se por relíquia os restos do corpo, e tudo aquilo que esteve em contato com o corpo de uma pessoa considerada santa pela comunidade de membros de uma Igreja, além de objetos de caráter sagrado. É importante sinalizar que não importava o tamanho ou a consistência da relíquia, sua santidade continuava a mesma. Segundo o religioso Giovanni Batista Proja:

As relíquias são o “marco”, sobre o qual nasce a piedade popular de uma região a um culto particular ao santo do que se possuem as relíquias. Surgem assim a existência de se confiar a proteção daquela cidade àquele santo ou mártir, dedicando-lhe a igreja maior. Foi assim que pouco a pouco se construiu a devoção ao santo padroeiro²⁵.

A chegada das relíquias à Constantinopla era o atestado necessário para autenticar a presença de Deus na cidade que estava sendo construída. Segundo Jan Assmann para uma sociedade criar uma identidade coletiva é necessário que sejam construídas lembranças com referências ao passado, para assim construir-se uma tradição.

Para o homem bizantino, a vida na terra era vivida em dois níveis, um a nível visível e o outro a nível invisível, sendo este último o mais importante. Cyril Mango nos relata que a crença comum era que:

o comum dos mortais não se dava conta da luta que continuamente se travava pela sua salvação, mas os homens santos podiam realmente ver e cheirar os seres espirituais, tanto os bons como os maus. Desta forma os cidadãos bizantinos acreditavam que os seus santos de devoção seriam capazes de protegê-los não só nesta vida, mas também depois de sua morte, quando haveria uma espécie de luta entre o anjo da guarda do falecido e uma legião de demônios por sua alma²⁶.

²⁵ PROJA, Giovanni Batista. *Imagens, relíquias e bênçãos*. Os gestos da fé e seus significados. 1. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007, p. 25.

²⁶ MANGO, Cyril. op. cit..., p.192.

Além desta crença, percebemos que havia uma preocupação generalizada com a existência de um local de forte culto para o santo:

O cidadão comum de Bizâncio via cada santo, em primeiro lugar, como um residente da sua igreja principal; numa escala menor (ou talvez de modo mais intermitente), encontrá-lo-ia noutras igrejas a ele dedicadas; e, além disso, nas relíquias e ícones, onde quer que estas se encontrassem²⁷.

O pensamento da Igreja Bizantina sobre a capacidade das relíquias pode ser entendido de acordo com o seguinte conceito:

“O poder especial atribuído às relíquias foi chamado, por São Cirilo de Jerusalém e por São Gregório Nazianzeno de *virtus*. Segundo São Gregório Nazianzeno, a *virtus* presentificava-se quando as relíquias eram veneradas”²⁸.

A *virtus* seria um “poder especial” de forma particularmente taumatúrgica, que emanava das relíquias devido a santidade daquele a que se referia, independentemente do tamanho ou consistência.

Porém a ideia de objetos que faziam prodígios não era estranha ao universo judaico-cristão. Desde o Antigo Testamento temos referências de relíquias consideradas sagradas, como o manto de Elias, que ao ser arrebatado ao céu, teve seu manto caído e apanhado por Eliseu:

... tomou o manto de Elias que havia caído dele e bateu com ele nas águas, dizendo: Onde está Iahweh, o Deus de Elias? Bateu também nas águas, que se dividiram de um lado e de outro, e Eliseu atravessou o rio. Os irmãos profetas de Jericó viram-no à distância e disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu...²⁹.

E outro relato sobre os restos mortais do próprio Eliseu:

²⁷ Ibid, p.184.

²⁸ JUNIOR, Ario Borges. *Relíquia: o destino do corpo na tradição cristã*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2013, p. 70.

²⁹ BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2001, p. 508.

“Eliseu morreu e foi sepultado. Bandos de moabitas faziam incursões na terra todo ano. Aconteceu que, enquanto alguns homens estavam sepultando um morto, avistaram um desses bandos; jogaram o corpo dentro do túmulo de Eliseu e partiram. O corpo tocou nos ossos de Eliseu, recobrou vida e pôs-se de pé”³⁰.

No Novo Testamento temos uma referência, a cura da mulher que ao tocar o manto de Jesus se vê curada de sua hemorragia:

... enquanto ia certa mulher, que sofria de fluxo de sangue fazia doze anos, aproximou-se dele por trás e tocou-lhe a orla do manto, pois dizia consigo: será bastante que eu toque o seu manto e ficarei curada. Jesus, voltando-se e vendo-a, disse-lhe: Ânimo, minha filha tua fé te salvou. Desde aquele momento, a mulher foi salva³¹.

E nos Atos dos Apóstolos há relatos da operação de milagres em Éfeso, devido a colocação de objetos que estiveram em contato com o apóstolo Paulo, ainda em vida:

pelas mãos de Paulo, Deus operava milagres não comuns. Bastava, por exemplo, que sobre os enfermos se aplicassem lenços e aventais que houvessem tocado seu corpo: afastavam-se deles as doenças, e os espíritos maus saíam³².

A veneração aos santos mártires no cristianismo inaugurou-se com Estevão, mas o primeiro relato da Igreja Cristã relativo à veneração das relíquias encontra-se nas narrativas epistolares sobre o “Martírio de São Policarpo, bispo de Esmirna”, essa epístola é o primeiro documento a inaugurar e relatar a veneração aos restos mortais na tradição e no magistério eclesiástico.

Na descrição encontra-se a narrativa do que aconteceu ao corpo após o martírio e o desejo dos cristãos de recuperar os restos mortais, já

³⁰ Ibid. p. 524.

³¹ Ibid. p. 1719.

³² Ibid. p. 1938.

que Policarpo havia tido um testemunho inquestionável de sua identificação com o Cristo segundo os cristãos³³.

Porém devido a proliferação da representação popular acerca das relíquias e de seu culto, observamos o surgimento de uma criação de regras e escritos que passaram a ser aplicados a estes objetos. Desta forma, pensadores cristãos como Agostinho de Hipona, Jerônimo, Gregório de Magno e mais tarde Tomás de Aquino, estabeleceram toda uma tradição para o correto uso e veneração das relíquias entre os cristãos.

Torna-se importante ressaltar, que ao estudarmos a cidade de Constantinopla, percebemos desde o início de sua formação que havia uma intrincada e fina teia que perpassava a cidade operando a níveis visível e invisível. Esta fazia com que desde o Imperador, aos religiosos e os cidadãos entendessem que a cidade se mantinha graças à tênue relação que existia passando entre o poder temporal e o divino.

O homem bizantino tinha plena consciência da herança greco-romana que a cidade possuía, mas sua forma de ver a vida era diferente, sua preocupação encontrava-se de preferência na eternidade. Este possuía visões bem definidas sobre o mundo atemporal, entendia a corte do Imperador como uma visão diminuta da corte celestial, entendendo a existência terrena como um breve prelúdio.

Acreditava na existência de serafins e querubins como descrito nas visões de Isaías e de Ezequiel. Exercia devoção aos heróis e santos do antigo testamento, mas os mais populares santos eram figuras muitas vezes desconhecidas dentro da religião cristã, nas quais o seu lugar de culto adquirira fama.

Porém, um lugar completamente à parte era ocupado por Maria e por João Batista, que segundo a tradição da Igreja Bizantina fizera a transição para a graça divina diretamente e a qual trinta e cinco igrejas de Constantinopla haviam sido dedicadas.

Estes dois personagens, aparecem num dos principais ícones da Igreja Bizantina, o qual conhecemos com o nome de *Deésis*: Cristo, de pé

³³ EUSEBIO CESAREA. *História eclesiástica*. 1. ed. Madrid: BAC, 1997, p.128.

ou sentado, ao meio, enquanto sua Mãe e João Batista o ladeiam, com as cabeças levemente inclinadas e as mãos estendidas num gesto de súplica a favor da humanidade. A preeminência da Mãe de Jesus, como já foi dito, se dava por ser a mãe do Cristo e de desempenhar ainda o papel de patrona e protetora de Constantinopla³⁴.

Percebemos assim que o Império Bizantino desde a sua formação, manteve a concepção de se considerar um Império universal com uma ligação intrínseca com Deus, isso pôde ser percebido através das construções e da busca por uma ortodoxia de Estado. Podemos afirmar também segundo os nossos estudos, e a teoria de memória cultural de Jan e Aleida Assmann, que quanto maiores os ritos e cultos que eram feitos na cidade de Constantinopla, mais forte tornava-se a identidade do homem bizantino cuja cidade em sua crença era abençoada por Deus e protegida pela Virgem Maria.

Nos primeiros séculos do Império Bizantino, ao representar Maria não se pretendia apenas mostrar um retrato, mas sim reproduzi-la segundo a noção de uma imperatriz reinante na Igreja Bizantina, já que esta era a grande protetora da cidade de Constantinopla e a *Theotokos*.

A partir do Concílio de Éfeso, Maria passou a ser representada e invocada de forma mais solene como rainha e senhora, por ser a mãe do Rei e do Senhor, além de ser invocada como intercessora pelos cristãos bizantinos, devido as várias mediações que foram creditadas a sua imagem, o que se perpetuou ao longo dos séculos nos quais o Império Bizantino resistiu as guerras e invasões e também por todas as outras Igrejas Orientais.

Desta forma, uma sociedade cuja cidade foi construída em um lugar totalmente novo para os cristãos como Constantinopla, necessitou de uma estrutura conectiva que formasse vínculos entre duas dimensões, a social e a religiosa, o que ocorreu através da figura da *Theotókos* e das inúmeras relíquias trazidas para a cidade. Essas estruturas conectivas serviram para conectar o ontem ao hoje, modelar e manter atuais as experiências e as lembranças fundadoras, além de ligar os indivíduos,

³⁴ MANGO, Cyril, op. cit., p. 183.

criando enquanto universo simbólico, um espaço comum de experiências e de ações de expectativas.

Podemos assim afirmar que Constantinopla pode ser entendida e conceituada como um lugar da recordação. Onde a memória cultural existente foi constituída pelo elo que surgiu desde a fundação da Cidade, com a chegada das relíquias e a crença na proteção da Mãe de Deus. Este elo fez surgir assim um ponto de unidade na memória e na vida dos inúmeros habitantes da cidade.

Bibliografia:

ANGOLD, Michael. *Bizâncio: A ponte da Antiguidade para a Idade Média*. Tradução Alda Porto Santos. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

ARMSTRONG, Karen. *Jerusalém: uma cidade, três religiões*. Tradução Hildegard Feist. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ASSMANN, Jan. *Religião y memoria cultural*. Traducción Marcelo G. Burello y Karin Salan. 1ª edición. Buenos Aires: Lilmod, 2008.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Tradução da Paulus Editora. 1ª edição. São Paulo: Paulus, 2015.

DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore. *Dicionário de Mariologia*. Tradução de Álvaro A. Cunha, Honório Dalbosco e Isabel F. L. Ferreira. 1ª edição. São Paulo: Paulus, 1995.

DONADEO, Irmã Maria. *Ícones da Mãe de Deus*. Tradução de Gemma Scardini. 1ª edição. São Paulo: Paulinas, 1997.

DONADEO, Irmã Maria. *O Ano litúrgico Bizantino*. Tradução de P. Mihail Sabatelli. 1ª edição. São Paulo: Editora Ave Maria, 1998.

EUSEBIO DE CESAREA. *História eclesiástica*. 1ª edição. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

JUNIOR, Ario Borges Nunes. *Relíquia: o destino do corpo na tradição cristã*. 1ª edição. São Paulo: Paulus, 2013.

LELOUP, Jean Yves. *Ícone: Uma escola do olhar*. Tradução Martha Gouveia da Cruz. 1ª edição. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MANGO, Cyril. *Bizâncio: O Império da Nova Roma*. Tradução Luís Milheiro. 1ª edição. Lisboa: Edições 70, 2008.

PORTELLA, Rodrigo. *Expressões do Sagrado: reflexões sobre o fenômeno religioso*. 2ª edição. Aparecida: Editora Santuário, 2008.

PROJA, Giovanni Batista. *Imagens, relíquias e bênçãos: os gestos da Fé e seus significados*. Tradução José Joaquim Sobral. 1ª edição. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007.